

### ■ “A tia não pode escolher, porque ela não é criança”: a participação de crianças pequenas em pesquisa no contexto pandêmico<sup>1</sup>

*“The aunt can’t choose because she is not a child”: the participation of young children in research in the pandemic context*

 Débora Cristina Sales da Cruz Vieira \*

Recebido em: 18 abr. 2023  
Aprovado em: 19 maio 2023

**Resumo:** Este artigo discute a participação de crianças pequenas em processos investigativos com/sobre elas em instituições educativas públicas no contexto pandêmico. A pesquisa foi realizada com quatro turmas de 2º período, compostas por crianças com faixa etária entre cinco e seis anos de idade, em quatro unidades escolares públicas de Educação Infantil localizadas em regiões periféricas do Distrito Federal durante o ano letivo de 2021. Foi delineada em uma abordagem etnográfica performativa por meio de práticas artístico-pedagógicas de mediação de leitura e contação de histórias em contexto virtual e presencial, com os seguintes instrumentos: observação participante, dinâmicas conversacionais, oficinas de histórias, oficinas de atividades lúdicas e registros escritos, pictóricos e audiovisuais da produção narrativa das crianças pequenas. Priorizou-se a construção de uma unidade teórico-metodológica com a indissociabilidade entre teoria e prática nos processos dialógicos da pesquisa, de modo que a participação das crianças pequenas fosse marcadamente presente nos fazeres desta pesquisa sobre infâncias, narrativas e cotidianos pandêmicos. A participação das crianças pequenas esteve presente em diferentes etapas do processo investigativo, como: na elaboração da metodologia participativa utilizada nas oficinas; nas propostas para a escolha de livros, jogos teatrais e elaboração de registros através de votação; na participação das narrativas colaborativas durante a mediação de leitura; na produção dos registros fotográficos da pesquisa empírica; na produção do livro Crianças Narradoras com suas narrativas orais e registros pictóricos, e na escolha de serem nomeadas com seu próprio nome na pesquisa.

**Palavras-chave:** Infâncias. Narrativas Infantis. Educação Estética. Pesquisa com crianças. Covid-19.

**Abstract:** This article discusses the participation of young children in investigative processes with/about them in public educational institutions in the pandemic context. The research was carried out with four classes of the 2nd period, composed of children aged between five and six years old, in four public school units of Early Childhood Education located in peripheral regions of the Federal District during the school year of 2021. It was outlined in a performative ethnographic approach through artistic-pedagogical practices of reading mediation and storytelling in a virtual and face-to-face context, with the following instruments: participant observation, conversational dynamics, story workshops, play activities workshops and written, pictorial and audiovisual elements of the narrative production of young children. Priority was given to the construction of a theoretical-methodological unit with the indissociability between theory and practice in the dialogical processes of the research, so that the participation of young children was markedly present in the doings of this research on childhoods, narratives and pandemic daily lives. The participation of young children was present in different stages of the investigative process, such as: in the elaboration of the participatory methodology used in the workshops; in the proposals for the choice of books, theatrical games and elaboration of registers through voting; in the participation of collaborative narratives during reading mediation; in the production of photographic records of empirical research; in the production of the book *Children Narrators* with their oral narratives and pictorial records, and in the choice to be named with their own name in the research.

**Keywords:** Childhood. Children’s Narratives. Aesthetic Education. Research with children. Covid-19.

---

\* Débora Cristina Sales da Cruz Vieira é doutoranda em Artes Cênicas (UnB). Professora de educação básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Pesquisadora colaboradora do grupo de pesquisa *Imagens e(m) Cena* (UnB/CNPq) e militante do Fórum de Educação Infantil do Distrito Federal. Contato: [deborasalesvieira19@gmail.com](mailto:deborasalesvieira19@gmail.com)

## Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir a participação de crianças pequenas em processos investigativos com/ sobre elas realizados em instituições educativas públicas no contexto pandêmico. Pesquisar as narrativas de crianças pequenas em espaços de escolarização tem sido parte de minha experiência como professora da educação básica e pesquisadora das/com as infâncias. Ainda, a pandemia da Covid-19, o isolamento social e o ensino remoto, híbrido e presencial nesse período histórico colocaram-me em contato com uma nova escola da infância e com os inúmeros desafios epistemológicos de pesquisa que emergiram. Neste artigo, apresento parte da tese de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília que investiga as percepções de crianças pequenas sobre seus contextos sociais por meio de suas próprias narrativas. A pesquisa ocorreu em instituições públicas de Educação Infantil do Distrito Federal<sup>2</sup>.

Em experiências anteriores como pesquisadora das/com as infâncias (VIEIRA, 2012; 2015), estive fundamentada na Epistemologia Qualitativa, desenvolvida pelo professor Fernando Luis González Rey<sup>3</sup> (2005; 2010), que já rompia com a lógica positivista e cartesiana de fazer ciência. Essa abordagem preconiza o caráter construtivo-interpretativo na produção científica, configurada como um processo dialógico, no qual a legitimação de casos singulares para a construção do conhecimento seja fundamental para o processo de pesquisa com adultos e crianças. Outro caráter basilar é a concepção do pesquisador como sujeito na pesquisa, conforme:

O pesquisador como sujeito não se expressa somente no campo cognitivo, sua produção intelectual é inseparável do processo de sentido subjetivo marcado por sua história, crenças, representações, valores, enfim de todos os aspectos em que se expressa sua constituição subjetiva. A legitimação do pesquisador como sujeito de produção de pensamento, bem como a do pensamento como via de produção de modelos de inteligibilidade são partes consubstanciais do caráter teórico da pesquisa. (GONZÁLEZ REY, 2005, p.36).

Desse modo, percebi, ao fazer pesquisa com as crianças nesta perspectiva teórico-metodológica, a indissociabilidade entre a Débora, que ocupa diversos papéis sociais na vida familiar, profissional, acadêmica, militância e eclesial, e a pesquisa em si. Nessa perspectiva, o fazer científico é compreendido como um ato criador ao valorizar o papel do pesquisador na elaboração de instrumentos e procedimentos de pesquisa que potencializem as expressões simbólico-emocionais dos participantes da pesquisa. Contudo, minha inquietação epistemológica surgiu a partir do momento que

entrei em contato com as abordagens teóricas e metodológicas das Ciências Sociais da Infância (CRUZ, 2008; SARMENTO, 2005; SARMENTO; GOUVEA, 2008; VASCONCELLOS; SARMENTO, 2007) que preconizavam a participação ativa das crianças nas pesquisas nas quais não fossem meramente assujeitadas ao “pesquisador sujeito” e os desafios de como organizar metodologicamente essa configuração concretamente.

## Pesquisa com crianças na pandemia de Covid-19

Ao vivenciar a experiência pandêmica juntamente com as crianças e as colegas professoras das quatro escolas pesquisadas (Ipê Amarelo, Ipê Roxo, Ipê Rosa e Ipê Branco<sup>4</sup>), fui afetada de modo singular, pois os tempos e os espaços da Educação Infantil foram reconfigurados, bem como os fazeres docentes e a ação das crianças pequenas em contextos educativos. Muito do que se “sabia” sobre ser docente na escola da infância foi substituído pelas novas condições materiais e objetivas, explicitando as fragilidades do atendimento educacional às crianças pequenas durante a pandemia de Covid-19.

Concordo com Sonia Kramer<sup>5</sup> (2008, p. 163) ao afirmar que “[...] a criança é sujeito da linguagem e da cultura e que cognição, ética e estética são alicerces para a compreensão das interações de crianças e adultos na cultura contemporânea.” Manuel Sarmiento (2005) evoca a dupla dimensão geracional da infância, sincrônica e diacrônica, e considero-a relevante para avançar no processo de compreensão das infâncias das crianças pequenas colaboradoras desta pesquisa:

[...] é um constructo sociológico que procura dar conta das interações dinâmicas entre, no **plano sincrónico**, a geração-grupo de idade, isto é, as relações estruturais e simbólicas dos actores sociais de uma classe etária definida e, no **plano diacrónico**, a geração-grupo de um tempo histórico definido, isto é o modo como são continuamente reinvestida de estatutos e papéis sociais e desenvolvem práticas sociais diferenciadas os actores de uma determinada classe etária, em cada período histórico concreto (SARMENTO, 2005, p. 367, grifo do autor).

Ao considerar as especificidades do tempo histórico, a pandemia de Covid-19, a dimensão simbólica envolvida na compreensão desse evento pelas crianças pequenas e as práticas sociais engendradas nesse novo contexto social, percebo o impacto em seus processos de interação social ao serem privadas do contato com seus pares na escola da infância. Essa geração de crianças é marcada pela experiência coletiva do isolamento social e os múltiplos desdobramentos no seu desenvolvimento integral. Os corpos das crianças, como máxima representação de suas infâncias plurais, cujos marcadores sociais de classe, raça e gênero interseccionam-se

com a questão etária, desenvolveram-se nesse contexto de redução de deslocamentos espaciais, movimentos corporais e interações sociais presenciais.

Fabiana de Oliveira (2015), na sua investigação sobre a participação de crianças em espaços públicos, apresenta sete princípios de uma participação considerada democrática, a saber: a) as crianças devem compreender do que se tratam os projetos e qual é o seu papel; b) as relações de poder e as estruturas de tomada de decisões devem ser transparentes; c) as crianças devem ser envolvidas nos estágios iniciais de algum projeto que venha ser desenvolvido; d) todas as crianças devem ser tratadas com igualdade de direitos, considerando sua idade, situação, etnia, habilidades e outros fatores; e) as regras devem ser estabelecidas com as crianças desde o início dos projetos; f) a participação deve ser voluntária e deve ser permitida a saída das crianças em algum estágio quando desejarem; g) devem ser respeitadas as perspectivas e as experiências infantis.

A ampliação dos direitos da criança à participação não pode ignorar a **diversidade de contexto em que as crianças vivem**; não podem ter um caráter de universalidade; devem considerar as **crianças reais**, em seu cotidiano, com as **suas experiências diárias de vida carregada de conflitos e contradições**. (OLIVEIRA, 2015, p.15, grifo nosso).

Em entrevista a Regiane Sbroion de Carvalho e a Ana Paula Soares da Silva (2016, p. 188), Natália Fernandes esclarece que a promoção da participação das crianças é uma ação intencional dos adultos e que não ocorre de forma espontânea, pois “[...] A participação deve ser uma ação dotada de sentido para o sujeito, e que tenha implicações; implicações em termo de transformação social”. Ao participarem ativamente dos processos investigativos, assim como dos processos pedagógicos na escola da infância, as crianças pequenas diminuem as assimetrias geracionais em uma realidade participada. Priscilla Alderson (2005) aborda três níveis de participação das crianças, sendo inicialmente na realização de projetos cotidianos na escola, posteriormente a participação em projetos criados e conduzidos por adultos e finalmente a participação em projetos iniciados e dirigidos por crianças e adolescentes.

A participação das crianças envolve uma mudança na ênfase dos métodos e assuntos de pesquisa. Reconhecer as crianças como sujeitos em vez de objetos de pesquisa acarreta aceitar que elas podem “falar” em seu próprio direito e relatar visões e experiências válidas. (ALDERSON, 2005, p. 423).

Para Rhaisa Farias, Wivian Weller e Ingrid Wiggers (2022, p. 166) o conceito de agência das crianças “[...] refere-se a suas capacidades de construir e criar significados além de tomar decisões sobre o que lhe diz

respeito. Essa perspectiva supera a ideia de que elas seriam apenas passivas em processos de socialização, ou integrantes incompetentes da sociedade.” Coadunando com o argumento defendido pelas autoras, Manuel Sarmiento (2007, p. 35) reitera que as crianças são sujeitos sociais e “não mero receptores passivos da cultura de massa”. Elas falam, pensam, trabalham e são crianças, independente de outros fatores e a negação destas ações na infância se torna um equívoco na compreensão deste período do desenvolvimento humano, negando-lhes o papel de protagonistas de suas histórias de vida.

### Por uma metodologia com as crianças pequenas

Procurei desenvolver uma abordagem metodológica que potencializasse a participação das crianças em diferentes etapas da investigação no processo empírico. Nesse sentido, optei em fundamentar-me pela etnografia performativa (HARTMANN; SOUSA; CASTRO, 2020) que preconiza a ampliação das ações de observação e de participação da etnografia tradicional, na qual a dimensão artística e performativa se engendra na produção dos sujeitos colaboradores da pesquisa, neste caso, as crianças pequenas no movimento epistemológico em performance. Para as autoras e o autor, a performance é “[...] como algo que ocorre na interação humana e que é capaz de gerar transformações em quem a executa e em quem a observa [...]” (HARTMANN; SOUSA; CASTRO, 2020, p. 258). É no encontro da tríade - pesquisadora, crianças colaboradoras e experiência estética vivida no processo empírico - que a etnografia performativa avança para uma epistemologia ativa e viva no cenário de pesquisa, na qual é possível acessar múltiplas dimensões simbólicas dos agentes envolvidos na pesquisa.

No nosso caso, acreditamos que a investigação por meio de práticas estéticas, lúdicas, performáticas permite constatar coletivamente como determinados comportamentos, ações e discursos são gerados e transmitidos, conferindo aos atores envolvidos uma percepção em relação a sua própria situação social (HARTMANN; SOUSA; CASTRO, 2020, p. 258).

A etnografia performativa dialoga com a produção de Brad Haseman (2015) sobre a pesquisa performativa e de Ciane Fernandes (2014) sobre a Prática como Pesquisa (*Practice as Research - PaR*). Para ambos, é necessária uma reestruturação nos modos de fazer ciência no campo das Artes, em que a prática artística ocupe a centralidade, assim como as pessoas envolvidas no processo empírico. “[...] Pesquisadores guiados-pela-prática constroem pontos de partida empíricos a partir dos quais a prática surge. Eles tendem a ‘mergulhar’, começar a praticar para ver

o que emerge” (HASEMAN, 2015, p. 44). O autor destaca ainda que nesta perspectiva metodológica, considera-se a maneira de ver, de sentir e de reagir, própria de cada pessoa no processo investigativo, corroborando com prática como pesquisa, pois a “[...] PaR oferece uma opção decolonizadora justamente por destacar as diferenças e nuances locais e fomentar múltiplos resultados em desenvolvimento como conhecimento acadêmico reconhecido” (SCIALON; FERNANDES, 2022, p. 2022). Desse modo, a pesquisa empírica se deu neste espaço liminar, pois sua organização tentou romper com as hierarquias intergeracionais hegemonicamente constituídas no qual o movimento dialógico e dialético foi presente e constante, favorecendo o estabelecimento de relações menos assimétricas entre a pesquisadora e as crianças pequenas colaboradoras de pesquisa através das experiências estéticas compartilhadas.

A pesquisa empírica foi realizada com quatro turmas de 2º período com crianças de cinco e seis anos de idade, de maio a dezembro de 2021 nas escolas pesquisadas (Ipê Amarelo, Ipê Roxo, Ipê Rosa e Ipê Branco), sendo organizado o atendimento das crianças pequenas do seguinte modo: remoto (maio a julho), híbrido (agosto a outubro) e presencial (novembro e dezembro). Os instrumentos utilizados foram: a) observação participante, b) dinâmicas conversacionais, c) oficinas de histórias, d) oficinas de atividades lúdicas, e; e) registros escritos, pictóricos e audiovisuais da produção narrativa das crianças pequenas. Durante o ensino remoto, realizei a observação participante dos encontros síncronos semanalmente e realizei uma oficina lúdica virtual com as crianças das quatro instituições educativas.

Com o retorno das crianças pequenas para as unidades escolares, vi a possibilidade de criar instrumentos e procedimentos que potencializassem a participação das crianças na pesquisa. Então, elaborei a estrutura dos encontros presenciais com as crianças em colaboração com as meninas Ana Helena, Maria Anita e Maria Eduarda da escola Ipê Amarelo em uma oficina-piloto. Nesse encontro apresentei diversos livros de literatura e elas escolheram o livro *A menina derretida*, da autora Giulieny Matos (2011). Realizei a leitura dialogando com as meninas sobre a história e as experiências semelhantes à da personagem principal como a chegada na escola, relação com a família e com os animais de estimação. Após esse momento, conversamos sobre quais formas seriam interessantes de contar uma história pessoal e conforme elas iam falando, fui registrando por escrito em fichas: “falar, escrever, desenhar, fazer um teatro, tirar uma foto, fazer um vídeo e pesquisar no celular”. A partir dessa lista, elas escolheram desenhar o relato do dia em que choraram muito como a personagem do livro:

Imagem 1 - Oficina-piloto na escola Ipê Amarelo



Fonte: Registro fotográfico produzido pela pesquisadora

“Oh tia, eu tenho um Thor (cachorro), quando ele fica na rua, eu choro um pouquinho” Ana Helena (6 anos, Ipê Amarelo).

“Eu chorei só um dia, porque o meu peixinho morreu. O nome dele era Nemo” Maria Anita (5 anos, Ipê Amarelo).

“Teve um dia que eu caí e machucou os meus dois pés. Eu caí na pracinha lá perto de casa e ainda ficou uma marquinha aqui nos meus pés. Eu estava brincando com o meu amigo de pega-pega” Maria Eduarda (6 anos, Ipê Amarelo).

Nascia ali, embrionariamente, a possibilidade de ouvir os relatos das crianças pequenas na escola da infância em interface com a atividade de mediação de leitura, socializando suas vivências, fator que já posicionava seus contextos sociais em suas narrativas. Nesse breve diálogo com as meninas, pude perceber o valor afetivo atribuído aos animais de estimação, pois o desaparecimento e morte deles são relatados como causa de sofrimento e que o isolamento social não era uma unanimidade naquele pequeno grupo, já que Maria Eduarda brincava na praça perto da sua casa (Imagem 1).

A partir dessa experiência inicial, atuei como mediadora de leitura nas quatro escolas pesquisadas, optando pela leitura de livros de literatura em uma perspectiva dialógica, utilizando a metodologia de narrativas colaborativas desenvolvida por Kiara Terra<sup>6</sup> que evoca a participação oral das crianças pequenas por meio de perguntas durante a mediação de leitura dos livros literários e de contação de histórias.

Uma história colaborativa é uma experiência potente. A potência está em preservar um espaço para aquilo que não sabemos. O texto como algo capaz de gerar sentidos diferentes de acordo com o encontro que temos com a história. O narrador acorda no público sua própria capacidade narrativa. Participar, falar e ouvir são habilidades do público diante da narrativa. Tanto o narrador como o público são leitores. Por isso, olham juntos uma história, encontrando caminhos e acordando escolhas, versões e a possibilidade de reinventarem sentidos para o que compartilham. O espaço das narrativas colaborativas acontece

**entre.** Na fresta entre todas as histórias presentes ali (TERRA, 2013, p. 62, grifo nosso).

Selecionei nove livros de literatura para as crianças com diferentes temáticas para potencializar a emergência da verbalização das percepções das crianças pequenas sobre seus contextos sociais através das narrativas colaborativas, expressando seus mundos de vida. Ao estabelecer o lugar do encontro entre as histórias ouvidas e as histórias vividas pelas crianças pequenas na pesquisa empírica, ampliou-se a produção de sentidos na experiência estética vivenciada coletivamente, diminuindo as assimetrias intergeracionais, e criando uma nova história, a daquele encontro singular.

O acervo de livros literários foi selecionado de acordo com os seguintes critérios: a) presença de temáticas pertinentes ao caráter cotidiano das crianças pequenas; b) equidade de representação racial dos personagens principais; c) dinâmica narrativa envolvente; d) equidade de gênero dos autores e das autoras das obras selecionadas. As obras selecionadas foram: *Agora não*, Bernardo de David Mckee (2010); *Pingo de Vera* Lúcia Dias (2004); *O menino que colecionava lugares* de Jader Janer (2016), *Manu e Mila* de André Neves (2018), *Meia Curta* de Andreza Felix (2020), *Cadê o juízo do menino* de Tino Freitas (2009), *O casaco de Pupa* de Elena Ferrándiz (2011), *A menina tagarela* de Giulieny Matos (2015), e *Obax* de André Neves (2010).

Tendo como princípio epistemológico a participação das crianças pequenas no processo empírico, a escolha da obra que seria lida na oficina de histórias era realizada coletivamente entre as crianças a partir de uma votação prévia. Ao iniciar a oficina, eu lia os títulos das obras, os nomes dos autores e fazia uma breve síntese do enredo dos livros. Após esse momento inicial, distribuía palitos de picolé para as crianças votarem no livro que desejavam conhecer naquele dia. Essa prática de votação com palitos para marcar os votos surgiu a partir da sugestão de uma criança colaboradora da pesquisa da escola Ipê Branco, o Mateus Kalel. Quando eu sugeri a participação da professora na votação, ele restringiu considerando somente a participação de crianças, e assim com a frase: “A tia não pode escolher, porque ela não é criança”, ele compreende que a pesquisa é feita com e pelas crianças evidenciando suas agências no processo empírico, pois “[...] necessitamos vislumbrar a alteridade das infâncias como um conjunto de aspectos que distinguem as crianças dos adultos e reconhecer as culturas da infância como um modo específico de interpretação e representação do mundo” (DELGADO; MÜLLER, 2008, p.155).

As negociações entre as crianças pequenas na votação foram marcadas por tensionamentos relacionais nas quatro escolas da infância pesquisadas, típicas do

processo democrático, pois algumas crianças tentavam influenciar a escolha das demais e também era possível perceber a hesitação de algumas crianças ao votarem em um livro que ainda não havia sido escolhido anteriormente por outra criança. Ao término de cada votação, era perceptível a insatisfação de muitas crianças que expressavam a dificuldade em lidarem com a frustração devido ao resultado. Recordo-me de ter conversado com as crianças da escola Ipê Rosa em uma oficina de mediação de leitura, tentando acalmar um grupo de meninos que estava inconformado com a escolha de um livro que a personagem principal era uma menina. Alguns meninos hostilizaram as meninas, dizendo que não iriam ouvir “*aquela história*”, e tive que intervir, falando que era importante respeitar a decisão do grupo, que a maioria escolheu aquele livro e que isso era a democracia. Foi quando o Enzo falou em tom acusatório: “*A tia está falando de política*”.

E de fato, ele estava certo. Eu falava de política e vivenciava política cotidianamente com crianças de cinco e seis anos de idade, que quase não tinham oportunidade de escolherem algo sobre suas vidas durante o tempo que passavam na escola da infância. Devido à pandemia de Covid-19 e em virtude do isolamento social, essas crianças que estavam vivenciando seu primeiro ano de escolarização neste espaço físico somente agora. Quando escolhiam o livro literário que seria lido, escolhiam o jogo teatral e escolhiam a forma de registro de suas narrativas estavam participando de tomada de decisões coletivas, diferentes de suas experiências individualizadas em casa, durante o isolamento social. Eram escolhas aparentemente simples, mas que mobilizaram as crianças pequenas para a coletividade, para a decisão participada do grupo.

Construir relações democráticas na Educação Infantil é um posicionamento político que deveria estar presente no cotidiano das crianças pequenas, de modo que a elaboração de práticas pedagógicas mais horizontais se antagonize com as tomadas de decisões verticais, rompendo com a lógica adultocêntrica que gira a engrenagem da educação. Fabiana Canavieiras e Olivia Coelho (2020), ao refletirem sobre a cidadania infantil, questionam o esvaziamento de sentido da palavra democracia e o apagamento político do termo, que é um valor universal a ser compreendido e vivenciado desde a primeira infância.

[...] é entendida não só como uma forma de governo e sistema político, ela é um **valor universal** (COUTINHO, 1984), como uma escolha intencional de um valor que rege a vida em coletividade. Que precisa ter seu conceito ressignificado para ser entendida como uma vivência cotidiana das cidadãs e cidadãos desde a mais tenra idade, que passa por sua “presença” nos espaços públicos das cidades, mas também na incidência, mediação e modificações que podem acontecer nos espaços

públicos e instituições, a partir da escuta e participação ativa desde a pequena infância (CANAVIEIRAS; COELHO, 2020, p. 48, grifo das autoras).

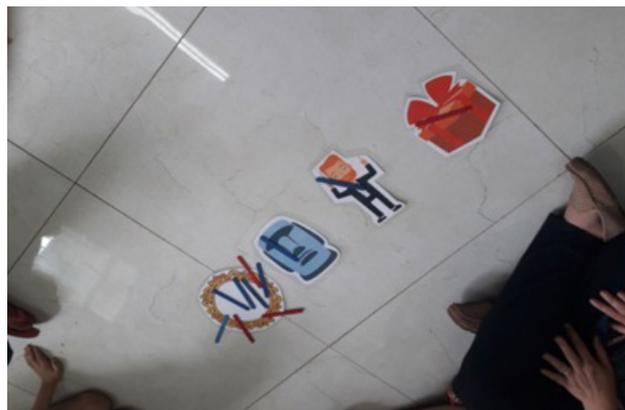
Diante dos tensionamentos que a votação evocava, optei por desenvolver algumas dinâmicas de relaxamento antes de iniciar a leitura do livro escolhido para as crianças pequenas. Utilizei um pau de chuva para trazer a sintonia e a sinergia necessárias para o grupo. Ao som das minúsculas conchas do instrumento, que passava de mão em mão, o ritmo produzido coletivamente ia diminuindo as tensões e trazendo novas percepções sonoras e táteis para as crianças. Após esse pequeno ritual, as crianças ficavam sentadas em círculo e aguardavam a leitura do livro selecionado.

Todavia, esse momento não evocava uma postura corporal passiva das crianças frente à atividade, pelo contrário, a sua presença era convocada, pois elas sabiam que era um momento não só de ouvir, mas principalmente de contar suas histórias diante da abordagem dialógica de mediação de leitura da narrativa colaborativa, e seus corpos não poderiam ser alijados da experiência estética. Perceber o corpo como parte da constituição subjetiva da criança, que afeta e é afetado nas vivências estéticas, amplia a concepção de corpo e aproxima-se do conceito de corporalidade trazido por Marina Marcondes Machado (2010, p. 125), que “[...] apresenta-se dinamicamente em seus modos de ser e de se relacionar, sem separação corpo-outro e corpo-mundo”.

Acredito que as atividades lúdicas foram pertinentes pelo valor simbólico agregado nas relações estabelecidas entre pesquisadora e crianças colaboradoras da pesquisa, pois durante os jogos teatrais as crianças expressaram significativamente suas vivências, emoções, memórias e processos imaginativos corporificados. Trazer o caráter performativo do corpo e suas expressões simbólicas no processo da pesquisa foi desafiador, pois oportunizou para as crianças experiências corporais que não faziam parte de seus cotidianos na escola da infância, muito marcados pelo controle dos corpos, sobretudo diante dos protocolos de distanciamento social necessários para o controle da pandemia de Covid-19. Elyse Lamm Pineau (2010) afirma que o jogo performativo como método pedagógico “privilegia o envolvimento pleno do corpo combinado a uma autorreflexão precisa da natureza e das implicações da ação de cada um” (PINEAU, 2010, p. 100).

As crianças escolhiam o jogo teatral<sup>7</sup> que gostariam de jogar a partir de uma votação prévia em ícones, o que permitia a sua participação no desenvolvimento da atividade desde o início. Os jogos teatrais propostos para as crianças pequenas nas oficinas lúdicas foram: espelho, maestro, estátua e presente. No jogo do maestro, uma criança era escolhida para ser o maestro e ela

Imagem 2 -Votação jogo teatral



Fonte: Registro fotográfico produzido por criança colaboradora da escola Ipê Amarelo

determinava o movimento corporal que seria realizado pelo grupo, de modo que a função ia alternando entre as crianças. No jogo da estátua, as crianças caminhavam livremente pelo espaço e ao som de uma palma paravam e faziam a estátua, ao som de duas palmas elas retomavam a caminhada pela sala. No jogo do presente, as crianças ficavam sentadas em círculo, e uma caixinha de plástico ia passando de mão em mão ao som de uma música escolhida pelas crianças. Quem ficava com a caixinha plástica fazia uma mímica do objeto que imaginava que estivesse na caixa e as demais crianças adivinhavam qual era o objeto. No jogo do espelho, as crianças se dividiam em duplas, posicionavam-se uma de frente para a outra e alternavam o papel de espelho, no qual deveriam reproduzir o movimento da criança que estava à sua frente. As crianças produziram registros fotográficos durante o processo investigativo, como na imagem a seguir, que ilustra a votação dos ícones dos jogos teatrais na escola Ipê Amarelo (Imagem 2).

Outra atividade lúdica desenvolvida com as crianças foi a entrevista coletiva na dinâmica de roda de conversa O que a caixa conta? Realizada apenas nas escolas Ipê Amarelo e Ipê Roxo. As crianças ficaram posicionadas sentadas no chão em círculo e colocamos uma caixa com diversos objetos (máscara de tecido, coração de papel, bola com emoji feliz, pandeiro, Uno, DVD Turma da Mônica, maçã) no centro da roda. Uma criança sorteava um objeto e, a partir dele, as crianças iam contando sobre suas vidas, falando sobre sua família, coisas que as deixavam felizes, música preferida, brincadeira preferida, programa de TV ou canal do *YouTube* preferidos, comida favorita, animal de estimação e sobre a Covid 19. A ideia inicial era possibilitar a socialização de informações-chave do cotidiano das crianças pequenas diferente do formato de entrevista individual. A participação das crianças em dois grupos da escola Ipê Roxo foi contraditória pela dificuldade de criar um ambiente acolhedor para a escuta das crianças, que apresentavam

certa resistência em ouvir umas às outras, contrastando com o desejo de contar sobre seus cotidianos. No primeiro grupo (amarelo), algumas crianças apresentaram receio em tocar nos objetos que estavam na caixa por medo de contaminação pelo coronavírus, daí reforcei que aqueles objetos estavam higienizados, mas, somada à agitação das crianças, não obtive o êxito que desejava, embora todas as crianças tivessem participado ativamente da atividade.

Diante dessa primeira experiência, levei luvas descartáveis para que as crianças do segundo grupo (verde) pudessem manusear os objetos sem temores. Nesse contexto, o efeito foi o inverso para Castiel, que disse: “Tia, não é que esse Uno está cheio de Covid porque veio da casa da senhora? E por isso que você trouxe as luvas.” Nesse momento, refleti sobre a forma singular que as crianças percebiam e significavam as medidas de proteção contra o coronavírus nessa escola da infância, que procurava atender as recomendações vigentes à época e o quanto uma atividade cotidiana desenvolvida na Educação Infantil como a utilização de uma caixa-surpresa na roda de conversa tornara-se tão desafiadora no contexto pandêmico. Como eu poderia afirmar categoricamente para Castiel que aqueles objetos não estavam contaminados, se eles já haviam circulado por outros grupos de crianças, mesmo tendo sido higienizados? As dúvidas e incertezas em relação ao coronavírus na escola da infância não eram apenas das crianças, mas de nós adultos também.

Contudo, mesmo diante desses tensionamentos elencados, as crianças pequenas dos dois grupos engajaram-se em contar as suas histórias para mim, acredito que por me colocar em diálogo como uma interlocutora sensível e ao verem suas falas sendo gravadas, sentiram-se valorizadas, embora o engajamento em ouvir os colegas e as colegas não tenha sido o mesmo. Rhaisa Farias e Fernanda Müller (2017) destacam o cuidado com as práticas de olhar, escutar e escrever sobre as experiências das crianças, como informantes da pesquisa. As autoras destacam ainda a ética da disponibilidade como uma possibilidade de diminuição das assimetrias intergeracionais no processo investigativo, criando um espaço potente de interlocução entre crianças e adultos. Luciana Hartmann (2020, p.35) evidencia algumas posturas de quem pesquisa com as crianças, como “disponibilidade do/a pesquisador/a para abandonar o controle central da pesquisa, constante exercício de criatividade, em diálogo com a própria criança, e consciência da instabilidade dos processos (cada contexto é um contexto, cada dia é um dia, cada criança é uma criança).”

Sonaly Gabriel (2021, p. 71), ao conceituar contação de histórias, define-a como “uma prática multisensorial, que envolve interações dinâmicas e simultâneas entre diversas potências corporais, sensoriais,

Imagem 3 - Crianças desenhando as suas narrativas orais



Fonte: Registro fotográfico produzido por criança colaboradora da escola Ipê Branco

espaço-temporais, a fim de criar uma experiência expressiva e emotiva”. E foi com esse intuito que fomos nos organizando nas práticas de mediação de leitura, de modo que o objeto livro fazia parte do encantamento da experiência estética e dos momentos de narração das crianças pequenas, que traziam suas experiências nas narrativas colaborativas e posteriormente eram representadas em registros pictóricos ou fotografias. As crianças pequenas da escola Ipê Branco priorizaram o desenho como forma de expressão simbólica de suas narrativas, conforme a imagem 3.

Na articulação das experiências estéticas vivenciadas pelas crianças pequenas nas oficinas de histórias durante o processo empírico, fomos construindo uma comunidade narrativa, ou seja, “um grupo de pessoas que compartilham histórias oralmente, quer sejam histórias de sua vida e experiências importantes, ou ainda, histórias presentes nos livros de literatura infantil.” (OLIVEIRA, 2016, p. 68), formada por crianças e adultas no ano de 2021. A escola, como espaço relacional, é um ambiente privilegiado para ouvir e contar histórias, todavia ainda

[...] é necessário um engajamento das e dos profissionais da educação para que se organize como uma comunidade narrativa genuína, potencializando práticas dialógicas autênticas entre crianças e adultos, que superem os procedimentos de docilização dos corpos infantis e silenciamento de suas vozes no cotidiano da Educação Infantil. (VIEIRA, 2022, p.83).

E assim as histórias narradas pelas crianças colaboradoras criaram uma circularidade de gestos, vozes e eventos que nos constituíram uma comunidade narrativa ocupando os tempos e os espaços possíveis na escola da infância, sem desconsiderar os tensionamentos próprios do percurso investigativo, sobretudo em um período pandêmico.

As histórias narradas pelas crianças pequenas na oficina “Caixinha de guardar o tempo” (VIEIRA,

Imagem 4 - Crianças manuseando o livro Crianças Narradoras



Fonte: Registro fotográfico produzido pela pesquisadora na Escola Ipê Branco

2022b) foram gravadas em áudio, transcritas e revisadas por mim para a elaboração do livro *Crianças Narradoras*, que contou ainda com as ilustrações feitas pelas crianças, fotos e algumas informações pessoais sobre elas. Foram compiladas no total 57 histórias contadas pelas crianças nas quatro instituições educativas pesquisadas. A obra foi impressa em uma gráfica, dividida em quatro volumes, um para cada escola. Os exemplares de cada escola foram distribuídos para as crianças colaboradoras no término da pesquisa empírica, concomitantemente ao encerramento do ano letivo de 2021, para terem acesso ao produto material da pesquisa, pois “[...] as provas de atividades e conquistas das crianças pesquisadoras, assim como seus resultados de pesquisa, vão provavelmente promover apreciações mais respeitadas e realistas sobre suas habilidades como atores sociais” (ALDERSON, 2005, p. 438) (Imagem 4).

Alice Vitória ao manusear o livro e identificar seu nome, sua foto e seu desenho, disse eufórica: “Tia, sou eu! Era meu sonho escrever um livro. Estou muito feliz”. Suas palavras emocionaram a mim e a vice-diretora da escola que estava acompanhando a turma naquele momento. Ao identificar seu nome em meio a todas as outras palavras que ainda não sabia o que significavam, a menina nos mostra como o nome próprio, enquanto primeiro texto, é parte da sua identidade, de quem ela é. Ser autora e sentir-se como autora são coisas distintas e a materialidade do livro impresso trouxe isto para Alice Vitória, na sua singular produção de sentidos estéticos, pois naquele momento o dia em que narrou a história na oficina “Caixinha de guardar o tempo” em nossa comunidade narrativa era apenas mais uma lembrança da escola da infância.

#### A mamãe apareceu

Eu estava na minha casinha. Só que era um sonho e era um pesadelo. Eu fiquei com medo, aí eu fiquei com a minha mãe. E foi muito legal, só que o meu pai estava trabalhando.

Só que eu estava com a mamãe dormindo no sofá. E também quando o papai chegou, ele estava todo descabelado. Daí ele banhou, dormiu e shruuu e dormiu. Só isso e fim. Alice Vitória (5 anos, Ipê Branco).

Escolher utilizar os nomes reais das crianças pequenas nos registros da pesquisa foi uma decisão difícil de ser tomada, pois ao perguntar qual nome elas gostariam que estivesse na pesquisa e no livro que estávamos produzindo, obtive respostas diferentes das que eu tinha imaginado. Segue a transcrição de um diálogo que tive com Luiz Felipe da Escola Ipê Branco sobre o assunto.

**Pesquisadora:** Luiz, na minha pesquisa eu não vou poder escrever o seu nome lá. Daí você vai poder escolher o seu nome. Qual nome você escolhe para você?

**Luiz Felipe:** Luiz Felipe.

**Pesquisadora:** Luiz Felipe é seu nome. Você precisa escolher outro nome para eu escrever lá na pesquisa.

**Luiz Felipe:** Luiz Lopes.

**Pesquisadora:** Luiz Lopes. Esse não é seu nome não, né Luiz?

**Luiz Felipe:** Mas tem o Lopes.

**Pesquisadora:** Então não pode. Tem que ser outro nome. Não pode ser seu nome.

**Luiz Felipe:** Não sei.

**Pesquisadora:** Ah não. Escolhe qualquer nome. Pode ser nome de gente, de personagem. Você que escolhe.

**Luiz Felipe:** Luiz Homem Aranha.

(Transcrição de áudio gravado em 26 de novembro de 2021).

Em publicações anteriores de pesquisas com crianças pequenas (VIEIRA, 2012; 2015; 2020; 2021; VIEIRA; MADEIRA-COELHO; 2022), utilizei nomes fictícios para nomeá-las. Contudo, diante desse diálogo com Luiz Felipe, ponderei essa postura já consolidada como pesquisadora das/com as infâncias. Como uma pesquisa com enfoque nas performances narrativas das crianças pequenas, a sua autoria e os seus nomes seriam ocultados? Luiz Felipe me ensinou que o seu nome Luiz é precioso e poderoso para identificá-lo e ele até tentou atender meu pedido inicial substituindo seu segundo nome pelo sobrenome e depois inserindo o personagem Homem Aranha, como eu havia sugerido. Quando eu disse “Escolhe qualquer nome”, pareceu mais insensível ainda da minha parte para com a criança, pois se o nome dele não pode, qualquer um poderia? As outras três crianças que eu havia conversado anteriormente não problematizaram a questão e duas escolheram o nome da mesma colega de turma para identificá-las na pesquisa. Em outras escolas, percebia como as crianças registravam seus nomes nos desenhos produzidos e falavam com orgulho que já sabiam escrever seus nomes próprios. Diante deste impasse, optei pela utilização de nomes fictícios para nomear as instituições educativas que acolheram a pesquisa: Ipê Amarelo, Ipê Rosa,

Ipê Roxo e Ipê Branco e manter os nomes próprios das crianças para preservar o anonimato da pesquisa, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis das crianças. Sônia Krammer (2002), ao discutir sobre as questões éticas de pesquisa com/sobre crianças, tensiona os limites epistemológicos de autoria e autorização das crianças e nos convida a questionar nossas práticas como pesquisadoras.

Segundo o referencial teórico-metodológico que nos tem orientado nesses e em outros estudos, a criança é sujeito da cultura, da história e do conhecimento. Pergunto: é sujeito da pesquisa? Embora os estudos transcrevam seus relatos, elas permanecem ausentes, não podem se reconhecer no texto que é escrito sobre elas e suas histórias, não podem ler a escrita feita com base e a partir dos seus depoimentos. As crianças não aparecem como autoras dessas falas, ações ou produções. Permanecem ausentes. (KRAMMER, 2002, p.51).

A problematização do silenciamento e do apagamento das vozes das crianças em pesquisas com/sobre elas aponta para os tensionamentos da mesma esfera no campo pedagógico. A autoria narrativa das crianças pequenas permeia suas experiências relacionais na Educação Infantil e necessita estar incorporada na organização do trabalho pedagógico das professoras e dos professores dessa etapa com intencionalidade, para potencializar o desenvolvimento narrativo delas. Ao discorrer sobre a autoria narrativa das crianças, Luciana Hartmann (2021, p. 84) afirma que “[...] durante muito tempo foi desconsiderada ao se tratar de formas orais, volta a ganhar espaço, pois é como autores que essas crianças-performers, quando incentivadas, se apropriam de diferentes estratégias do narrar, revelando-se e identificando-se por meio destas frente ao grupo”.

## Para não concluir

A participação das crianças pequenas esteve presente em diferentes etapas do processo investigativo, como: a) na elaboração da metodologia participativa utilizada nas oficinas; b) nas propostas para a escolha de livros, jogos teatrais e elaboração de registros através de votação; c) na participação das narrativas colaborativas durante a mediação de leitura; d) na produção dos registros fotográficos da pesquisa empírica; e) na produção do livro Crianças Narradoras com suas narrativas orais e registros pictóricos.; e f) na escolha de serem nomeadas com seu próprio nome na pesquisa.

Todavia, destaco um limite da participação infantil na pesquisa, pois não foi possível trazer a presença das crianças pequenas colaboradoras nas análises das informações posteriores ao fechamento do processo empírico. Conversar com as crianças sobre o livro Crianças Narradoras, ouvir suas percepções e experiências estéticas em relação às histórias criadas pelas outras crianças, promover encontros intergeracionais entre as crianças colaboradoras e outras pesquisadoras para discutirem as temáticas emergentes de suas narrativas orais eram algumas das estratégias metodológicas que eu pretendia desenvolver colaborativamente com as crianças pequenas, mas que não foram concretizadas devido às dificuldades de gestão do tempo da pesquisa empírica nas instituições educativas, marcada pelas adversidades próprias da retomada do atendimento presencial das crianças no contexto da pandemia de Covid-19.

“Assim, é necessário ter as crianças e as infâncias como orientadoras das pesquisas, parceiras e condutoras não apenas no desenvolvimento de pesquisas em curso nos diferentes campos, mas na leitura dos diferentes dados” (FINCO; SOUZA; ANJOS, 2021, p. 24). Isto se constitui como um desafio pessoal para os estudos futuros das/com as infâncias, criar estratégias metodológicas que proporcionem a participação das crianças pequenas, construindo epistemologias criadoras e cranceiras. ■

## Notas

<sup>1</sup> Parte deste trabalho foi apresentado no III Seminário Internacional Infâncias e Pós-Colonialismo: pesquisas em busca de pedagogias descolonizadoras (UNICAMP) em junho de 2022.

<sup>2</sup> Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa das Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (CEP/CHS – UnB), seguindo os protocolos éticos de pesquisa com crianças pequenas como a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por familiares e responsáveis pelas crianças colaboradoras da pesquisa e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido pelas crianças colaboradoras da pesquisa.

<sup>3</sup> Fernando González Rey (1949-2019) foi um psicólogo, acadêmico e educador cubano, cujo legado intelectual oferece uma nova, complexa e influente compreensão da subjetividade a partir de uma perspectiva cultural-histórica. Publicou 38 livros, mais de 80 capítulos de livros e 135 artigos científicos em cinco idiomas (espanhol, português, inglês, russo e francês). O trabalho de González Rey é caracterizado por sua amplitude, profundidade e criatividade, contribuindo principalmente para os campos da psicologia histórico-cultural, pesquisa qualitativa, educação, psicoterapia e saúde humana. Para saber mais: <https://www.fernandogonzalezrey.com/>

<sup>4</sup> Nomes fictícios

<sup>5</sup> Em alinhamento com os estudos antropológicos, opto por nomear as autoras e os autores citados com seus nomes e sobrenomes ao longo do artigo.

<sup>6</sup> Atriz, escritora, contadora de histórias, fundou *A História Aberta* que integra oralidade e improvisação e atualmente é doutoranda em Sociologia da Infância na Universidade do Minho. Para saber mais, acesse <http://kiaraterre.com.br/>

<sup>7</sup> O jogo teatral é um jogo de construção com a linguagem artística. Na prática com o jogo teatral, o jogo de regras é princípio organizador do grupo de jogadores para a atividade teatral. O trabalho com a linguagem desempenha a função de construção de conteúdos, por intermédio da forma estética. Fonte: <https://cbtij.org.br/o-jogo-teatral->

## Referências

- ALDERSON, Priscilla. Crianças como investigadoras. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LsqQGyMFBxPLs9J7n76mqZH/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 jan. 2023.
- CANAVIEIRAS, Fabiana Oliveira; COELHO, Olivia Pires. Escola da infância, cidade e democracia: em busca do exercício da cidadania infantil. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 40, p. 47-65, jul./set. 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6885/4797> Acesso em: 21 mar. 2023.
- CARVALHO, Regiane Sbroion de; SILVA, Ana Paula Soares da. A participação infantil em foco: uma entrevista com Natália Fernandes. **Psicologia Em Estudo**, v. 21, n. 1, p. 187-194, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/28430> Acesso em: 30 mar. 2022.
- CRUZ, Sílvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.
- DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 141-157.
- FARIAS, Rhaisa Naiade Pael; MÜLLER, Fernanda. Ética na pesquisa sobre e com crianças e suas aplicações aos estudos urbanos. In: SEMINÁRIO NACIONAL INFÂNCIAS E JUVENTUDES NA CIDADE, 1., 2017, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: UFES, 2017. p. 651-662. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbW-FpbnpbmZhb230mNpYXNlanV2ZW50dWRlc25hY2lkYWRIMTd8Z3g6Njc3NDE3YzQ1M2QzMtJmMw>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- FARIAS, Rhaisa Naiade Pael; WELLER, Wivian; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Escalas infantis na cidade modernista: como crianças vivem e exploram Brasília. **Revista Sociedade e Estado**, v. 37, n. 1, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/3WdXScyjQBd38DLT9yKmXRH/abstract/?lang=pt> Acesso em: 8 set. 2022.
- FERNANDES, Ciane. Pesquisa Somático-Performativa. **Art Researt Journal/Revista de Pesquisa em Arte, Natal**, v. 1/2, p. 76-95, jul./dez. 2014.
- FINCO, Daniela; SOUZA, Ellen de Lima; ANJOS, Cleriston Izidro dos. Efeitos da pandemia e o aumento das desigualdades na vida das crianças: diálogos sobre violências e indiferenças. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 8, n. 61, p. 12-24, out. 2021.
- GABRIEL, Sonaly Torres Silva. **Na teia de Ananse: a contação de histórias como performance, com crianças, na escola**. Tese (Doutorado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Cengage Learning, 2005
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- HARTMANN, Luciana. **Crianças contadoras de história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.
- HARTMANN, Luciana. SOUSA, Jonielson Ribeiro de. CASTRO, Ana Carolina de Sousa. Luta pela Terra, Performance e Protagonismo Infantil no I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha (Brasília - 2018). **Revista TOMO**, Aracaju, n.37, p.253-286, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/13253/10729>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- HASEMAN, Brad. Manifesto pela Pesquisa Performativa. In: SILVA, Charles R.; FELIX, Daina et al. (org.). **Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP**. São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015. p. 41-53.
- KRAMMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 116, p. 41-59, jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14398.pdf> Acesso em: 21 mar. 2023.
- KRAMMER, Sônia. Crianças e adultos em diferentes contextos – desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 163-189.
- MACHADO, Marina Marcondes. A criança é performer. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n.2, p.115-137, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11444> Acesso em: 30 mar. 2022.

- OLIVEIRA, Fabiana. de. A criança e sua relação com a sociedade: considerações sobre a participação infantil nos espaços públicos. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 37., 2015. UFSC: Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT07-3885.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- OLIVEIRA, Paula Gomes de. **Trabalho pedagógico com histórias inventadas**: narrativas, imaginação e infância. Curitiba: Editora CRV, 2016.
- PINEAU, Elyse Lamm. Nos cruzamentos entre a performance e a pedagogia: uma revisão prospectiva. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 2, p. 115-137, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/14416> Acesso em: 21 jul. 2022.
- SARMENTO, Manoel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, v.26, n.91, p.361-378, 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzdDC3gdKz/abstract/?lang=pt> Acesso em: 1 nov. 2022.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. *In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos; SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). Infância (in)visível*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007. p. 25-52.
- SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SCIALOM, Melina; FERNANDES, Ciane. Prática Artística como Pesquisa no Brasil: Reflexões Iniciais. **Revista de Ciências Humanas**. v. 22, n. 2, p. 1-18, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/14230> Acesso em: 10 jan. 2023.
- TERRA, Kiara. A história aberta: narrativas colaborativas. *In: FRAGA, Tatiana. Por que ler? Reflexões a partir do I Fórum do Espaço de Leitura*. São Paulo: Espaço Leitura, 2013. p. 59-64.
- VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos.; SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.
- VIEIRA. Débora Cristina Sales da Cruz. **O espaço da oralidade na rotina da Educação Infantil**. Monografia (Especialização Educação Infantil). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- VIEIRA. Débora Cristina Sales da Cruz. **A imaginação na produção narrativa de crianças: contando, recontando e imaginando histórias**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- VIEIRA. Débora Cristina Sales da Cruz. É Cinderela ou Branca de Neve: a experiência estética de crianças em atividade com contos de fadas. **Pensares em Revista**. São Gonçalo-RJ, n. 18, p. 52-69, 2020. DOI: 10.12957/pr.2020.48454. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/viewFile/48454/33314> Acesso em: 23 mar. 2023.
- VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. Imaginar, brincar e dramatizar: performances narrativas de crianças pequenas em experiência com o conto russo Ludmila e os doze meses. *In: PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; OLIVEIRA, Daiane Aparecida A. de. Educação Estética: diálogos com a Teoria Histórico-Cultural*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 157-180.
- VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. Crianças narradora e(m) performances na escola da infância. *In: DISTRITO FEDERAL. Guia da X Plenarinho da Educação Infantil - Criança arteira: faça arte, faça parte!* SEEDF: Brasília, 2022a.
- VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. Contação de Histórias Para, Com, e Por Crianças na Escolada Infância. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 31, n. 68, p. 103-115, 26 out. 2022b. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/14696>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz; MADEIRA-COELHO, Cristina Massot. Experiência estética na educação infantil e processos imaginativos de crianças contadoras de histórias. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v.24, n.46, p.1049-1068, jul./dez., 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/84277>. Acesso em: 23 mar. 2023.